



A herança de Dona Helena

LAWRENCE ELLIOTT

Quando chegou ao Brasil, era a portentosa Madame Helena Antipoff, de S. Petersburgo, Paris e Genebra, educada pelos maiores professores da Europa. Em breve, porém, ficou sendo a brasileira Dona Helena, e sua fama espalhou-se por todo o país. Durante 45 anos, foi pioneira de cada fase do moderno sistema educacional do Brasil, ajudando a fundar os primeiros jardins de infância e laboratórios de psicologia infantil, abrindo centros tanto para os retardados mentais quanto para as crianças-prodígios. Sua Fazenda do Rosário tornou-se uma espécie de universidade rural, e uma geração inteira de professores, influenciados por ela, estão hoje empenhados em dar continuidade à sua obra por todo o Brasil.

HELENA ANTIPOFF nasceu em 1892, em Grodno, um *oblast* (província) da Bielorrússia, mas cedo foi morar em S. Petersburgo (hoje Leningrado), que era então a capital da Rússia czarista, onde viveu até os 16 anos. Seu pai, general do Exército Imperial, proporcionou-lhe educação de acordo com os privilégios de sua classe — governantas, professores particulares e as melhores escolas; mas também lhe incutiu a noção

de suas responsabilidades. Uma vez, ela aceitou alguns *kopecks* por haver ensinado uma pequena camponesa a ler; o general Antipoff, furioso, fê-la devolver o dinheiro. O episódio marcou a vida da jovem. De repente, ela descobriu o enorme abismo existente entre uns poucos privilegiados e as pessoas comuns, cujas qualidades intrínsecas se asfixiavam porque lhes era negada uma educação escolar que lhes permitisse desenvolvê-las.

Um dos professores de Helena foi Ivan Pavlov, o grande fisiólogo. Aos 17 anos, ela entrou para a Sorbonne, em Paris. Depois trabalhou numa escola para retardados mentais na Inglaterra, antes de seguir para Genebra, onde foi estudar com o psicólogo suíço Edouard Claparède.

Claparède, pioneiro do estudo do mecanismo de aprendizagem das crianças, convidou Helena a integrar uma pequena equipe de pesquisas em seu Instituto Jean-Jacques Rousseau. Naquele ambiente intelectualmente estimulante, ela aprendeu os princípios fundamentais da educação moderna: que as crianças não são robôs, mas seres pensantes, receptivos e sensíveis, ansiosos por aprender quando devidamente estimulados; que nada é mais fácil de transformar uma criança excepcional – retardada ou prodígio – numa criança desobediente e hostil do que a monotonia das salas de aula sem animação. Claparède afirma: «Pensa-se mais nos pés das crianças do que em suas mentes. Seus sapatos são de tamanhos e modelos diversos, mas suas salas de aula são inexoravelmente iguais.» Na escola-modelo de Claparède, as carteiras são móveis, as classes são animadas por passeios e atividades informais e as crianças são responsáveis por seus próprios atos.

Helena estava na vanguarda do pequeno grupo de pioneiros educacionais de Claparède quando re-

bentou a revolução russa em sua pátria. Sua mãe e irmãs estavam a salvo em Paris, mas seu pai foi dado como desaparecido em combate. Ela voltou imediatamente para a Rússia e, após longa procura, encontrou o pai, gravemente ferido, escondido em S. Petersburgo. Helena ajudou-o a restabelecer-se, e depois conseguiu fazê-lo atravessar para a Criméia em segurança. Enquanto isso se passava, ela conheceu e se casou com um escritor, Victor Iretzky, mas quando, um ano depois, o filho deles, Daniel, nasceu, Iretzky tinha sido preso por fazer «propaganda anti-soviética». Mais tarde, ele fugiu para a Alemanha.

Quando o torvelinho revolucionário amainou, Helena conseguiu trabalho num lar para crianças abandonadas, mas o desejo que tinha de estudar, de descobrir novas verdades acerca do mecanismo do aprendizado, não se coadunava com o dogma comunista, e em breve era Helena que estava ameaçada de prisão.

Com Daniel nos braços, fugiu da Rússia e foi ao encontro do marido em Berlim, mas o casamento tinha fracassado e, em 1926, Helena levou o filho para Genebra, onde Claparède a recebeu satisfeito de volta ao Instituto.

Em 1929, no Estado de Minas Gerais, durante o governo de Antônio Carlos, o Secretário do Interior e Justiça, Francisco Campos, a cuja Secretaria também estavam afetos os serviços do ensino, pro-



moveu uma renovação pedagógica que se tornaria modelo para o resto do país. Tendo ouvido falar do importante trabalho de Helena Antipoff no estabelecimento das primeiras escolas experimentais no Instituto Jean-Jacques Rousseau, Francisco Campos convidou-a, juntamente com outros professores de Genebra, para ajudar a organizar uma Escola de Aperfeiçoamento para professores primários em Belo Horizonte. Ela hesitou, mas acabou percebendo que havia finalmente encontrado o seu destino. Deixando Daniel, já com nove anos, aos cuidados de uma amiga, Helena Antipoff partiu em

direção a uma terra estranha e a uma nova vida.

Quando chegou a Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais tinha uma população de cerca de 60 mil pessoas mas apenas um punhado de escolas primárias. Os novos mestres, contratados no estrangeiro, para a formação de professores primários, tinham que ensinar em francês ou alemão, valendo-se de um intérprete. Helena, que já falava seis línguas, determinou-se a aprender todos os dias 50 palavras novas em português, e em breve estava dando aulas nessa língua para 150 professores principiantes. Quando viram que ela sabia português, as senhoras da localidade começaram a assediá-la com os problemas escolares de seus filhos. Os casos mais dolorosos eram os das crianças retardadas. As escolas públicas, supostamente abertas a todos, não se dispunham a adaptar-se ao nível mental dos alunos, prejudicando assim tanto os mais inteligentes quanto os mais atrasados. Dona Helena resolveu mudar isso.

As dificuldades que encontrou eram tremendas. Não tinha nem dinheiro nem apoio governamental necessários para abrir uma escola para retardados mentais. Então, resolveu atacar o problema de maneira direta, conseguindo, com ajuda de outros e trabalhando à noite, construir uma pequena casa na rua Ouro Preto, em Belo Horizonte. Assim, a burocracia foi posta na presença de um fato con-

sumado. Iriam obrigá-la a demolir a construção só porque faltavam alguns papéis necessários? Iriam recusar-lhe o direito de nela fazer melhorias no interesse das crianças do lugar? O prédio, o primeiro de mais de 100 Institutos Pestalozzi que hoje existem no Brasil, ficou de pé e cresceu.

Como professores, ela contratou os melhores alunos dentre os candidatos a professores primários de sua escola e os próprios pais das crianças. Aboliu a palavra «anormal»; suas crianças eram «excepcionais». Desapareceram também palavras como classe, aluno, professor. «Aqui somos todos amigos», dizia Dona Helena.

O amor e a compreensão eram seus mais poderosos auxiliares no ensino. Além disso, ensinava que argila, madeira, água e algumas ferramentas eram o suficiente para que uma criança sentisse seus desejos satisfeitos. «A criatividade não depende de quocientes de inteligência», dizia.

Os resultados foram espetaculares. Quase todos os alunos de Dona Helena aprenderam a integrar-se na sociedade, e 20% conseguiram, mais tarde, desempenhar integralmente suas funções na família e no trabalho. Um deles é hoje destacado industrial de cerâmica em Belo Horizonte. Outro, um banqueiro, afirma com simplicidade: «Aquela senhora salvou minha vida.»

Enquanto isso, com seus centros para crianças retardadas em pleno

desenvolvimento, Dona Helena voltou seu espírito incansável para outros projetos. Percorrendo as ruas de Belo Horizonte, a fim de avaliar a extensão de outro grande problema, o de menores abandonados, a educadora ficou dolorosamente surpreendida com a situação dos pequenos jornaleiros, muitos dos quais dormiam ao relento, à porta das tipografias. Dona Helena iniciou uma campanha que culminou, em 1934, na fundação da Associação de Assistência ao Pequeno Jornaleiro, que veio a estabelecer a «Casa do Pequeno Jornaleiro», onde aquelas crianças podiam ter afinal comida decente, um lugar onde dormir e, é claro, uma escola. O escotismo também não lhe foge ao interesse, e ela, nesse mesmo ano, fundando a Associação Mineira de Escoteiros e, mais tarde, o Escotismo Fernão Dias, para excepcionais.

A seu convite, os maiores educadores e psicólogos da Europa, inclusive Claparède, vieram fazer conferências em suas escolas, e em breve professores de todo o país, que tinham estudado com ela, espalharam ao voltar, numa reação em cadeia, suas idéias nos meios em que viviam.

Em 1938, Dona Helena e seu filho Daniel voltaram a reunir-se e, pouco tempo depois, ela lançou um plano para comprar terras na zona rural e construir um lar onde as crianças retardadas de orfanatos ou vindas de outros estados pudessem viver até que estives-

sem preparadas para enfrentar o mundo.

Mesmo quando as pessoas zombavam de seu otimismo, Dona Helena conseguia persuadi-las a dar-lhe dinheiro. Começou uma campanha pelos jornais para angariar fundos. A atriz Josephine Baker, que excursionava pelo Rio de Janeiro, deu um espetáculo especial, de benefício. Com o dinheiro desse *show*, comprou-se o primeiro terreno. Em janeiro de 1940, as cinco primeiras crianças foram instaladas na Fazenda do Rosário, um sítio de 48 hectares, numa zona do planalto perto de Belo Horizonte.

A obra nunca parou de crescer. Passeando pelo terreno árido com um professor, um dia Dona Helena comentou: «Aqui é o Instituto de Educação Rural, e ali é o Laboratório Claparède de Pesquisa Psicológica. Está vendo?»

«Estou vendo a senhora apontar para o capim e a terra nua», respondeu espantado o professor.

Porém, no espaço de poucos anos estava tudo ali, e mais ainda. A Fazenda tornou-se um *campus* de 120 hectares, onde virtualmente tudo, inclusive uma vida democrática, era ensinado. O Instituto Superior de Educação Rural (ISER) reuniu todos os serviços que poderiam contribuir para o bem-estar da população rural: um curso ginásial para adultos, aulas de economia doméstica, puericultura, instalações para tratamento de saúde e recreação. Hoje, todos os dias, mais

de mil pessoas trabalham e aprendem no Instituto, ora denominado Fundação Estadual de Educação Rural «Helena Antipoff».

Dona Helena tinha vindo para o Brasil com um contrato por dois anos. Depois que esse contrato foi renovado 11 vezes, ela, segundo suas próprias palavras, «foi admitida na grande família do povo brasileiro» quando, em 1951, o Presidente Getúlio Vargas assinou o decreto que a naturalizou cidadã brasileira. Recebeu outras homenagens: uma vez, quando um jornal fez uma pesquisa para eleger a Mãe do Ano no Brasil, um de seus pequenos alunos escreveu dizendo: «Dona Helena já teve três mil filhos. Ela tem de ganhar!» E ganhou mesmo.

À medida que foi envelhecendo, seu ritmo parecia acelerar. Ela incentivou os homens a entrarem para o magistério primário, um conceito revolucionário na época, e instituiu um lar de repouso para escritores e artistas. Fundou a primeira cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais. Inventou um teste de inteligência e personalidade chamado «Minhas Mãos», pelo qual crianças e adultos poderiam revelar suas personalidades, sem inibições.

Durante anos, ela vinha sonhando em ajudar as crianças talentosas do país. Espalhados e perdidos pela imensidão do interior do Brasil, segundo ela calculava, havia milhares de crianças de

capacidade excepcional, tão abandonadas quanto estiveram as crianças retardadas. A situação não era melhor nas cidades, onde tais crianças eram consideradas monstros sagrados, mais temidas do que admiradas, e seus talentos em botão acabavam por fenecer nas aulas de rotina. Em 1970, quando já tinha 80 anos, Dona Helena transformou uns galinheiros em oficinas, salas de aula e dormitórios, e lançou oficialmente o Projeto Circula (Civilização Rural, Cultura e Lazer), que passou a ser a colônia para crianças talentosas da Fazenda do Rosário.

Sua curiosidade intelectual continuava sem limites, e nunca perdeu sua elegância européia. Andava sempre impecavelmente penteada, movimentava-se com a graça e a vivacidade de uma jovem. Embora seu filho Daniel, que já tinha constituído sua própria família, tivesse acomodações para ela em sua casa, em Belo Horizonte, Dona Helena preferiu morar nos dois pequenos quartos que tinha na Fazenda. Nunca possuía uma casa – tinha de seu apenas roupas e alguns livros que muito apreciava – e sempre vivera entre as crianças, ora numa escola, ora noutra. Agora, próxima do fim da vida, não via razão para mudar.

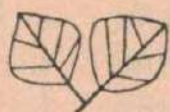
Recebia novos alunos, pintava paredes, mudava a colocação dos móveis, comia no refeitório comum. Dormia somente cerca de quatro horas por dia, levantando-se de madrugada para escrever longas cartas, até 12 de uma vez, aos seus colegas e antigos alunos cujas fotos forravam as paredes.

Em 1973, Dona Helena recebeu inúmeras homenagens e, no ano seguinte, ganhou um prêmio por serviços prestados à humanidade, mas não pôde recebê-lo pessoalmente.* Sua incrível resistência tinha chegado ao fim. «Minha mente ainda tem tanta coisa para fazer», dizia ela a Daniel, «mas meu corpo já não quer me ajudar.» No dia 9 de agosto, morreu durante o sono, e foi sepultada no pequeno cemitério nas colinas de sua querida Fazenda do Rosário.

O espírito de Dona Helena ainda anima as salas de aulas do Brasil, e o seu amor enriquecerá as crianças nas gerações futuras.

«Ela plantou dez mil sementes no nosso sertão», disse Milton Campos, ex-governador do Estado de Minas Gerais. «Todos os professores e alunos cuja vida ela tocou hão de continuar agora a sua obra.»

* D. Helena dedicou a quantia do prêmio à montagem de um laboratório de pesquisas ecológicas na Fazenda do Rosário.



PROCURE ser carinhoso com os jovens, compassivo com os velhos, simpático com os esforçados e tolerante com os fracos e os injustos. Em sua vida, você passará por tudo isso.

- D. L.

66 Entre Aspas 99

QUANDO se reza, é melhor ter um coração sem palavras do que palavras sem coração.

– John Bunyan

DESCOBRI que a melhor maneira de dar conselhos às crianças é procurar saber o que elas querem... e aconselhá-las a fazê-lo.

– Harry S. Truman

O MAIS duro dos trabalhos é ser indolente.

– Leo Rosten's *Treasury of Jewish Quotations*

NUNCA discuta às refeições, porque ganhará a discussão aquele que não estiver com fome.

– R. W.

A VIDA não é uma candeia insignificante – é um fulgurante archote.

– George Bernard Shaw

NADA nos perturba mais do que ver nosso chefe fazer algo que lhe havíamos garantido ser impossível realizar.

– E. W.

QUALQUER dia quer dizer nenhum dia.

– H. T.

UM HOMEM com uma idéia nova é um excêntrico... até a idéia pegar.

– Mark Twain

FORÇA de vontade é não dizermos a ninguém que deixamos de fumar.

– M. L.

É POSSÍVEL possuir em demasia. O homem que tem um só relógio sabe que horas são, mas o que possui dois nunca tem certeza.

– G. B.

SE o teu inimigo te incomoda, dá um tambor a cada um de seus filhos.

Provérbio chinês

ENGANAR-SE a si próprio é contrair a barriga quando se sobe à balança.

– P. S.

QUANTO maior a ilha do conhecimento, mais longo o litoral da imaginação.

– Ralph Sockman, *Now to Live!*

O SILÊNCIO, tal como a modéstia, ajuda muito numa conversação.

– Montaigne